

Impresso
Especial

9912175140/2007-DR/PR
IPARDES

...CORREIOS...



GOVERNO DO
PARANÁ

SECRETARIA DE ESTADO
DO PLANEJAMENTO E
COORDENAÇÃO GERAL

ISSN 0102-0374

Análise Conjuntural

IPARDES

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

Curitiba, v.31, n.7-8, julho/agosto 2009

sumário

- 3 AS DIFERENTES DIMENSÕES DA CRISE
Julio Takeshi Suzuki Júnior
- 6 PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA DE BENS DE CAPITAL
Guilherme Amorim
- 9 A INDÚSTRIA PARANAENSE E O AVANÇO TECNOLÓGICO
Julio Takeshi Suzuki Júnior
- 13 PARANÁ – DESTAQUES ECONÔMICOS
Guilherme Amorim
Roger Braganhol
- 15 ECONOMIA PARANAENSE – INDICADORES SELECIONADOS

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

Rua Máximo João Kopp, 274 - Bloco 1 - CEP 82630-900 - Santa Cândida - Curitiba-PR - Tel.: (41) 3351-6335 - Fax: (41) 3351-6347

Internet: <http://www.ipardes.gov.br> E-mail: ipardes@ipardes.gov.br

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

ROBERTO REQUIÃO - Governador

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

ÊNIO JOSÉ VERRI - Secretário

IPARDES

CARLOS MANUEL DOS SANTOS

Diretor-Presidente

NEI CELSO FATUCH

Diretor Administrativo-Financeiro

MARIA LÚCIA DE PAULA URBAN

Diretora do Centro de Pesquisa

DEBORAH RIBEIRO CARVALHO

Diretora do Centro Estadual de Estatística

THAÍS KORNIN

Diretora do Centro de Treinamento para o Desenvolvimento

ANÁLISE CONJUNTURAL

JULIO TAKESHI SUZUKI JÚNIOR (*editor*)

Equipe

GILMAR MENDES LOURENÇO (*Economista*)

GUILHERME AMORIM (*Economista*)

ROGER BRAGANHOL (*Estagiário*)

EDITORAÇÃO

MARIA LAURA ZOCCOLOTTI (*supervisão editorial*)

ANA BATISTA MARTINS (*editoração eletrônica*)

ESTELITA SANDRA DE MATIAS (*revisão de texto*)

DORA SILVIA HACKENBERG (*normalização bibliográfica*)

STELLA MARIS GAZZIERO (*projeto gráfico*)

AS DIFERENTES DIMENSÕES DA CRISE

Julio Takeshi Suzuki Júnior*

Os impactos da crise sobre a indústria brasileira são incontestáveis. No acumulado de janeiro a junho deste ano, a produção física do setor manufatureiro nacional registrou queda de -13,4%, em comparação ao mesmo intervalo de 2008, sendo o pior resultado de um primeiro semestre desde 1991, ano em que se inicia a série dos referidos indicadores conjunturais, que são levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Anteriormente à falência do Lehman Brothers, apontada como marco da crise, o *quantum* industrial do País crescia a uma taxa próxima de 7% no critério do acumulado em doze meses, passando a apresentar contínuo declínio a partir de então, até atingir a variação de -6,5% no período de doze meses encerrado em junho de 2009 (tabela 1).

TABELA 1 - VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL - BRASIL - JUL 2008-JUN 2009

MÊS	VARIAÇÃO (%)			
	Mensal com Ajuste Sazonal ⁽¹⁾	Mensal sem Ajuste Sazonal ⁽²⁾	Acumulado do Ano ⁽³⁾	Acumulado em 12 Meses ⁽⁴⁾
Jul./08	1,5	8,8	6,7	6,9
Ago./08	-1,6	1,9	6,0	6,4
Set./08	1,5	9,6	6,4	6,8
Out./08	-1,4	1,1	5,8	5,9
Nov./08	-7,1	-6,4	4,6	4,8
Dez./08	-12,6	-14,8	3,1	3,1
Jan./09	2,2	-17,5	-17,5	1,0
Fev./09	2,0	-16,8	-17,1	-1,0
Mar./09	0,9	-9,7	-14,6	-1,9
Abr./09	1,2	-14,8	-14,6	-3,9
Mai./09	1,2	-11,2	-13,9	-5,0
Jun./09	0,2	-10,9	-13,4	-6,5

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

(1) Em relação ao mês anterior.

(2) Em relação ao mesmo mês do ano anterior.

(3) Em relação ao mesmo período do ano anterior.

(4) Em relação aos doze meses anteriores.

Concomitantemente, o emprego industrial passou a exibir retração, com a contabilização de decréscimos de -5,1% nos seis primeiros meses do presente exercício e de -1,9% nos doze meses finalizados em junho último. A título de comparação, o pessoal ocupado assalariado na indústria nacional apresentou aumento de 3,0% no resultado referente ao período de setembro de 2007 a agosto de 2008, portanto, antes da intensificação das turbulências financeiras globais.

Por outro lado, o crescimento vem sendo mantido pelas atividades do terciário. No caso específico do comércio varejista, observa-se ampliação de 6,2% do volume de vendas no acumulado de doze meses terminado em junho deste ano (tabela 2), variação que, embora inferior aos notáveis resultados observados no pré-crise, ainda pode ser considerada significativa. Além disso, os últimos desempenhos mensais indicam algum aumento do nível da atividade setorial, afastando a possibilidade de as vendas atingirem patamares negativos no fechamento de 2009.

* Administrador, coordenador do Núcleo de Estudos Macroeconômicos e Conjunturais do IPARDES.

TABELA 2 - VARIAÇÃO DO VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA - BRASIL - JUL 2008-JUN 2009

MÊS	VARIAÇÃO (%)			
	Mensal com Ajuste Sazonal ⁽¹⁾	Mensal sem Ajuste Sazonal ⁽²⁾	Acumulado do Ano ⁽³⁾	Acumulado em 12 Meses ⁽⁴⁾
Jul./08	-0,1	11,3	10,7	10,2
Ago./08	1,1	9,9	10,6	10,2
Set./08	1,3	9,3	10,4	10,3
Out./08	-0,9	9,8	10,4	10,3
Nov./08	-1,0	5,1	9,8	9,8
Dez./08	-0,6	3,8	9,1	9,1
Jan./09	1,8	6,0	6,0	8,7
Fev./09	1,8	3,8	4,9	8,0
Mar./09	-0,4	1,3	3,7	7,2
Abr./09	-0,2	7,1	4,5	7,1
Mai./09	0,4	2,9	4,2	6,4
Jun./09	1,7	5,6	4,4	6,2

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio

(1) Em relação ao mês anterior.

(2) Em relação ao mesmo mês do ano anterior.

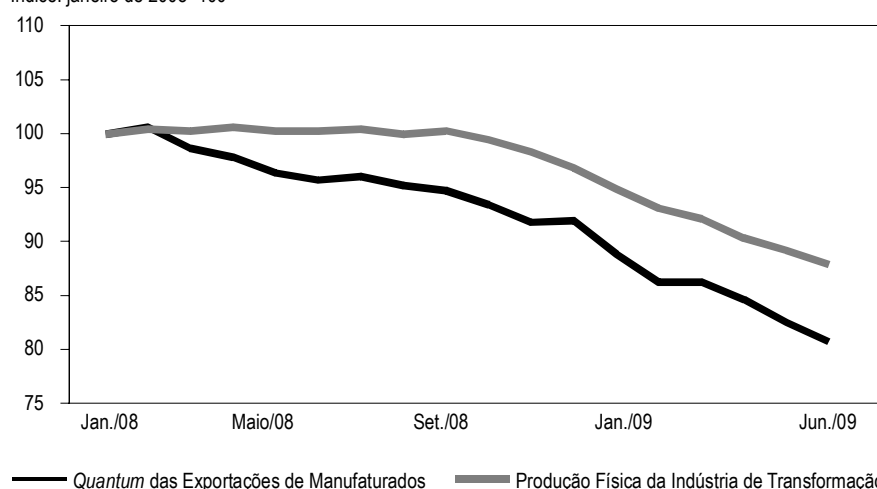
(3) Em relação ao mesmo período do ano anterior.

(4) Em relação aos doze meses anteriores.

Entre os fatores explicativos da disparidade entre as performances do terciário e do secundário, pode-se citar, primeiramente, a maior dependência deste último em relação à demanda internacional. Para ressaltar o forte vínculo, o coeficiente de exportação da indústria brasileira, representado pela razão entre a receita das vendas ao exterior e o PIB do setor, alcançou o percentual de 32,2% no ano de 2008, o que não deixa dúvida quanto à importância do mercado externo como determinante do comportamento da atividade manufatureira. Tanto é assim que o movimento descendente das quantidades exportadas de bens manufaturados foi acompanhado pela queda da produção física da indústria de transformação (gráfico 1), com impactos mais acentuados sobre os segmentos que apresentam elevada inserção externa, como os ramos automotivo e de máquinas e equipamentos.

GRÁFICO 1 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO E DO QUANTUM DAS EXPORTAÇÕES DE MANUFATURADOS NO ACUMULADO DE 12 MESES - BRASIL - JAN 2008-JUN 2009

Índice: janeiro de 2008=100



FONTES: IBGE, FUNCEX

Ademais, a diferença entre os resultados dos setores em análise pode ser atribuída, em alguma medida, ao dinamismo do consumo das famílias brasileiras, que, por sua vez, reflete a conservação da massa de rendimentos da população, a despeito da crise. Nesse sentido, cabe mencionar o importante papel do setor público na preservação dos recebimentos familiares, seja por meio dos salários do funcionalismo ou através dos benefícios previdenciários e dos programas de transferência de renda.

Em um cálculo superficial, utilizando estatísticas do Ministério do Planejamento e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, chega-se a um percentual de 19,1% na razão entre os desembolsos da previdência social e o total dos rendimentos do trabalho das pessoas com 10 ou mais anos de idade no ano de 2007. Se forem considerados, além dos gastos previdenciários, as despesas com o seguro desemprego e os benefícios da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), atinge-se uma razão de 21,7%, o que indubitavelmente assegura razoáveis condições para a estabilidade da massa de rendimentos, mesmo diante das ameaças da crise aos salários do setor privado.

Não obstante os benefícios para todo o conjunto das atividades econômicas, é certo que a mencionada manutenção dos níveis da renda disponível tem efeitos mais pronunciados sobre segmentos como o comércio, cuja dinâmica está estreitamente relacionada ao poder de compra da população. Nessa questão, há influência ainda dos ganhos reais de salário derivados do retorno do movimento de valorização cambial, que proporciona, em paralelo à perda de competitividade das atividades industriais exportadoras, condições favoráveis ao incremento das vendas do comércio.

Adicionalmente, o terciário vem sendo favorecido de forma considerável pela flexibilização da política monetária, conforme indicado pelo crescimento real de 16,2%, com correção pelo IGP-DI, do volume de crédito concedido às pessoas físicas nos sete primeiros meses de 2009, em comparação ao mesmo período de 2008. Tal evolução evidencia a reduzida defasagem entre o início da trajetória descendente da taxa Selic, no mês de janeiro de 2009, e a ampliação das operações de financiamento, confirmando a efetividade da política monetária como instrumento para a rápida retomada do nível de atividade.

Enfim, a dessemelhança entre os desempenhos do secundário e do terciário decorre em parte da acertada opção pelo incentivo à demanda interna em um contexto de crise internacional. Todavia, em razão das restrições que poderão ser impostas pelos desequilíbrios do balanço de pagamentos, um exacerbado estímulo ao consumo doméstico não representa alternativa viável no longo prazo, exigindo medidas para a promoção de uma maior inserção do País no mercado externo.

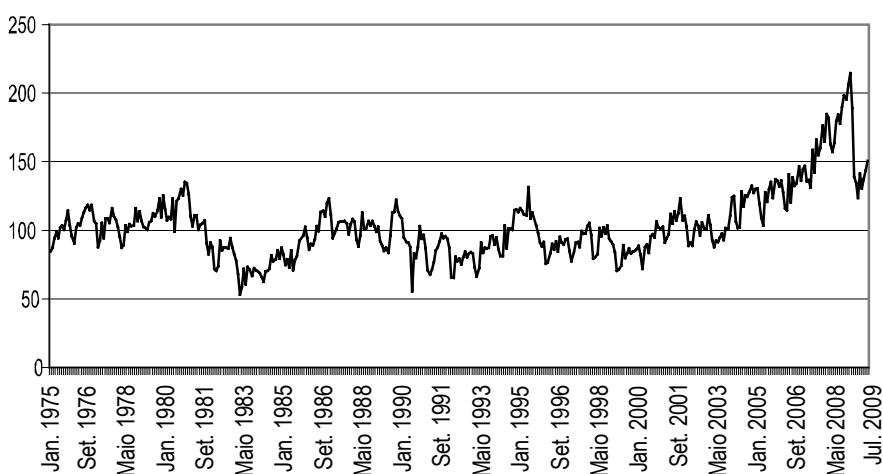
PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA DE BENS DE CAPITAL

Guilherme Amorim*

O desempenho da indústria de bens de capital nesse século, até o terceiro trimestre de 2008, reflete os ciclos dinâmicos da economia brasileira no período (gráfico 1). Os subsectores dessa indústria seguem lógicas próprias de crescimento, mas, a despeito de sua particular capacidade de reação à crise financeira deflagrada há um ano, dois desafios são comuns a todos: a apreciação cambial e a concorrência chinesa.

GRÁFICO 1 - ÍNDICE DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE BENS DE CAPITAL - BRASIL - 1975/2009

(Base: Média 2002=100)



FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

O conjunto de bens de capital para construção é composto por carregadores-transportadores, escavadeiras e motoniveladores. Segundo estatísticas da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (ABIMAQ), esse ramo exporta, historicamente, 60% da produção. No primeiro semestre de 2009, as vendas externas sofreram queda de 70% em relação ao mesmo período do ano passado. Entretanto, essa divisão da indústria registrou, ainda em referência ao primeiro semestre, número de unidades produzidas superior ao de 2007. O investimento na pavimentação de rodovias mitigou a queda do faturamento com exportações. Consequência direta desses investimentos pode ser constatada pela produção de rolos compactadores, máquinas extensivamente usadas em obras de pavimentação, único equipamento que registrou aumento de vendas em relação ao primeiro semestre do ano passado.

Medidores de consumo e transformadores compõem o subsector vinculado à energia elétrica. Ramo que se modernizou em períodos recentes, recebeu investimentos multinacionais, inclusive em empresas estabelecidas no Paraná, desenvolve produtos competitivos em mercados maduros, como o europeu, e beneficia-se do crescimento da construção civil residencial, calcado na queda da taxa de juros e em programas federais de habitação.

O subsector de bens de capital de uso misto engloba vasta gama de produtos. Os mais representativos são computadores pessoais, motores elétricos e aparelhos para telecomunicação (telefones celulares, centrais automatizadas e roteadores, por exemplo). Manteve-se aquecido graças à resistência do mercado interno, à ampliação da base de usuários de telefonia celular, à demanda por computadores pessoais (*notebooks* em particular) e por serviços de banda larga, que exigem equipamentos de gerenciamento de redes.

* Economista, técnico da equipe permanente dessa publicação.

Os equipamentos de transporte compõem o mais importante subsetor da indústria de bens de capital, de acordo com a metodologia utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dentre eles, destacam-se os aviões e os caminhões com motores diesel. Embora a produção nacional de aviões esteja bem posicionada no mercado internacional, em particular nos nichos mais dinâmicos – pequenas aeronaves para executivos e jatos regionais –, a constricção de crédito atingiu duramente. Pedidos formalizados até meados de 2008, redução de custos de produção e restabelecimento de crédito para compradores estimulam gradual recuperação.

A divisão de bens de capital para fins industriais seriados reúne rolamentos, balanças, ferramentas elétricas manuais, caixas de transmissão e redutores de velocidade, e máquinas para encher, fechar e embalar. Ramo com boa inserção no mercado externo, em particular no Mercosul, passou a depender do dinamismo do mercado interno.

São definidos como bens de capital para fins industriais não-seriados equipamentos de grande porte, construídos sob encomenda de acordo com especificações do comprador. Caldeiras de vapor, turbinas e rodas hidráulicas e fornos industriais são produtos do gênero. Maquinário desse subsetor que tem crescido em importância é aquele voltado para a indústria de extração de petróleo, em particular as brocas para perfuração e as válvulas comumente chamadas de “árvores de Natal”.

O subsetor de máquinas agrícolas espelhou, no início da crise de crédito, a descapitalização de agricultores nacionais e estrangeiros. A queda na cotação de grãos, a estiagem no Cone Sul e a aversão ao risco dos agentes financeiros privados levaram à paralisação da produção de equipamentos e, não raro, à retomada de máquinas por credores. O quadro ainda é ruim, particularmente se comparado ao extraordinário desempenho de 2008, quando a aquecida demanda internacional por *commodities* alavancou a produção de tratores, colheitadeiras, pulverizadores, semeadores e congêneres. De acordo com o Anuário da Indústria Automobilística Brasileira, publicado pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), no ano passado o faturamento do segmento de máquinas agrícolas chegou a US\$ 7,9 bilhões, resultado sem precedente. Os números de máquinas produzidas (85 mil) e recursos investidos (US\$ 284 milhões) também foram inéditos.

Os efeitos da retração da demanda por máquinas de grande porte sobre a indústria de bens de capital agrícolas não foram mais nefastos porque as vendas de pequenos tratores, de até 75 cavalos de potência, cresceram. Amparados por programas de incentivo, independentes entre si, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), do governo do Paraná e do governo de São Paulo, os fabricantes redirecionaram recursos e mantiveram-se em atividade. Graças a esses programas, no primeiro semestre de 2009, em comparação com o mesmo período do ano anterior, o número de tratores pequenos cresceu 55%. O mais longo desses programas, o paranaense, completará dois anos em outubro. Resultado da associação entre o governo estadual e a New Holland, indústria instalada na Cidade Industrial de Curitiba, a iniciativa deve alcançar a marca de 4.000 tratores vendidos até o seu segundo aniversário.

No final do primeiro semestre, o governo federal lançou política emergencial voltada à recuperação da indústria de bens de capital. A iniciativa apoiou-se na desoneração temporária do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e na redução das taxas de juros cobradas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em suas linhas de financiamento para a aquisição e exportação de maquinário.

Até o final de 2009, não será cobrado IPI de dezessete grupos de bens de capital (renúncia tributária estimada em R\$ 414 milhões pelo Tesouro Nacional), medida semelhante àquelas que tiveram a intenção de incentivar o consumo de automóveis, eletrodomésticos e material de construção.

As ações ligadas aos programas do BNDES são abrangentes. Quatro linhas de financiamento do banco passaram a cobrar juros de 4,5% ao ano, corte de 5,75%, o que significa que a taxa real do empréstimo aproxima-se de zero. Uma dessas linhas, FINAME, foi responsável, no ano passado, por quase um terço dos desembolsos do BNDES. Financiamentos do banco que utilizam recursos do Tesouro Nacional também foram desonerados

além da Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), pagavam 1% ao ano, percentil agora eliminado. Em ação concomitante, a própria TJLP teve sua taxa anual reduzida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), de 6,25% para 6% ao ano. As linhas de financiamento à exportação mais utilizadas também se tornaram menos custosas: o financiamento pré-embarque passou de 12,05% para 4,5% ao ano; o pós-embarque, que cobrava Libor mais 5% ao ano, passou a cobrar Libor mais 3%. A Libor (*London Interbank Offered Rate*) é a taxa que usualmente baliza contratos de financiamento de comércio internacional.

Os empréstimos a fabricantes de ônibus e caminhões, produtos com longas cadeias produtivas e com significativos multiplicadores de emprego e renda, tiveram suas taxas reduzidas de 10,25% para 7% ao ano. Dívidas vencidas dos fabricantes puderam ser refinanciadas em até 12 meses, com seis de carência. No programa Procaminhoneiro, em que o BNDES empresta ao adquirente do bem, os juros caíram de 13,5% para 4,5% ao ano e o prazo do financiamento foi expandido, de 84 para 96 meses.

A aquisição de bens de capital por pequenas e médias empresas passou a ser incentivada através da implantação de dois fundos garantidores de crédito, um deles na alçada do BNDES, outro sob administração do Banco do Brasil. Receberão R\$ 1 bilhão em 2009 e R\$ 3 bilhões em 2010.

Em 2008, de acordo com a ABIMAQ, 46% dos investimentos do setor foram autofinanciados e 23% deles contaram com crédito do BNDES. Uma vez que as novas condições de contratação de empréstimos estiveram disponíveis a partir de meados de julho, ainda não é possível prever qual a proporção de alocação de recursos em 2009. Segundo projeções do BNDES, o total de desembolsos nesse ano crescerá 20% em relação a 2008, alcançando cifra em torno de R\$ 110 bilhões. Estima-se que a participação do banco na formação bruta de capital fixo – investimentos em máquinas, equipamentos e construção civil – aumente de 14% para 16% no ano corrente. Assim, a importância do BNDES para a economia brasileira pode ser contextualizada lembrando-se que, de acordo com o IBGE, a formação bruta de capital fixo retrocedeu 12,6% no primeiro trimestre de 2009 em relação ao último trimestre de 2008 – queda de 14% em relação ao primeiro trimestre do ano passado.

A despeito da desoneração tributária e da auspiciosa queda dos custos de financiamento, a combinação de câmbio valorizado e concorrência com equipamentos chineses mantém essa indústria em xeque. No mercado externo, as companhias sediadas na China (ou multinacionais com plantas naquele país) ganham participação, amparadas por uma política comercial agressiva na qual a subvalorização do *yuan* é fulcral. No mercado brasileiro, a competição se revela tão ou mais difícil. Por um lado, a valorização do real torna a importação de maquinário chinês vantajosa, ainda que sejam cobradas tarifas respaldadas pelas regras da Organização Mundial do Comércio (OMC) e que o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) tenha se mostrado vigilante quanto a eventuais casos de *dumping*. De acordo com a ABIMAQ, o país é o quarto maior fornecedor externo de bens de capital – abaixo de Estados Unidos, Alemanha e Japão. Dados de 2008 da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX) demonstram que essa participação é crescente em praticamente todos os subsetores, e particularmente sensível nos mercados de material para escritório e informática (22,6%), material elétrico (7,6%) e material para comunicações (19,7%). Por outro lado, o cenário permite a fabricantes brasileiros ímprobos importar produtos chineses, “maquiá-los” e venderem-nos como de própria industrialização. A descoberta de fraudes dessa estirpe é devastadora para a reputação de companhias solidamente estabelecidas, mas os casos registrados no País não ficaram circunscritos a empresas novatas. O volume e o escopo desse gênero de crime impõem novos desafios à estrutura de fiscalização, para a qual a colaboração entre Receita Federal e MDIC é imprescindível.

A INDÚSTRIA PARANAENSE E O AVANÇO TECNOLÓGICO

*Julio Takeshi Suzuki Júnior**

Nas últimas décadas, é nítido o avanço da indústria paranaense no plano nacional. Em 2006, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado respondeu por 6,6% do valor adicionado da indústria de transformação do País, *proxy* do PIB do setor, atingindo participação superior aos pesos relativos registrados, por exemplo, nos exercícios de 1985 e 1995, quando o Paraná foi responsável por 5,0% e 5,5%, respectivamente, da renda industrial nacional.

Paralelamente, houve aumento da representatividade estadual em termos de emprego, alcançando uma participação de 8,1% no total dos vínculos empregatícios formais da indústria de transformação brasileira em 2006, muito acima das importâncias relativas observadas em 1985 (4,5%) e 1995 (6,1%), de acordo com estatísticas da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). No ano de 2008, o estoque das ocupações industriais formais do Paraná correspondeu a 8,3% do total do País, o que garantiu a quarta posição entre as unidades da federação, atrás apenas de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Contudo, a despeito desses resultados expressivos, ainda há grande margem para o desenvolvimento das atividades manufatureiras. Em uma avaliação pormenorizada, verifica-se que os ramos do secundário classificados como de alta e média-alta intensidade tecnológica, segundo critérios da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), representam 31,9% do Valor da Transformação Industrial (VTI) do Paraná, sem considerar a atividade extrativa, ficando abaixo do percentual de 35,0% referente ao peso desses mesmos segmentos no VTI do Brasil (tabela 1). Por outro lado, o grupo concernente às indústrias de baixa intensidade tecnológica é mais representativo em âmbito estadual, com uma participação de 39,3% no VTI, suplantando a importância relativa de 33,8% registrada em nível nacional, conforme dados do IBGE.

Já em relação à indústria de média-baixa intensidade tecnológica, as participações alcançam 28,8% no Paraná e 31,3% no Brasil. O VTI desse segmento, devido à pronunciada alta dos preços do petróleo e seus derivados, cresceu a taxas muito elevadas nos últimos anos, o que permitiu significativos ganhos de representatividade nas estruturas industriais das duas divisões territoriais em análise, levando, conseqüentemente, a participações decrescentes dos agrupamentos de atividades manufatureiras não favorecidas pela forte valorização dos bens produzidos.

Por isso, um exame mais preciso do comportamento dos ramos industriais requer a exclusão do segmento de produtos de petróleo refinado. Nesse caso, podem ser constatados resultados similares do Paraná e do Brasil nas categorias de alta e média-alta intensidade tecnológica, havendo diferenças razoáveis nas classificações inferiores (tabela 2). No Estado, a indústria de média-baixa tecnologia responde por 11,5% do VTI total, ante uma participação de 22,3% na esfera nacional, o que pode ser imputado principalmente ao ramo de produtos metálicos, no qual prevalece a atividade de metalurgia, muito mais representativa na estrutura industrial do País. Em contrapartida, o grupo de baixa intensidade tecnológica é responsável por 48,9% do VTI estadual, acima do peso relativo na renda gerada pela indústria brasileira (38,2%), como resultado da relevância dos ramos alimentício e madeireiro na base produtiva paranaense.

* Administrador, coordenador do Núcleo de Estudos Macroeconômicos e Conjunturais.

TABELA 1 - COMPOSIÇÃO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL⁽¹⁾, SEGUNDO NÍVEIS DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA - PARANÁ E BRASIL - 1996/2007

NÍVEL DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA	PARANÁ		BRASIL	
	Part. 1996 (%)	Part. 2007 (%)	Part. 1996 (%)	Part. 2007 (%)
Indústria de alta intensidade tecnológica	7,5	5,7	8,9	7,1
Aeronáutica e aeroespacial	...	0,0	0,2	0,7
Farmacêutica	0,2	0,6	3,7	2,9
Material de escritório e informática	0,2	1,2	0,6	0,7
Equipamentos de rádio, TV e comunicação	6,1	3,0	3,5	1,9
Instrumentos médicos de ótica e precisão	1,0	0,8	0,9	0,9
Indústria de média-alta intensidade tecnológica	21,0	26,2	27,8	27,9
Máquinas e equipamentos elétricos	2,7	1,4	2,8	2,6
Veículos automotores, reboques e semirreboques	3,4	12,6	8,1	9,2
Produtos químicos, exclusive farmacêuticos	6,6	5,5	9,2	8,3
Equipamentos para ferrovia e material de transporte	0,2	0,1	0,5	1,0
Máquinas e equipamentos mecânicos	8,2	6,5	7,2	6,7
Indústria de média-baixa intensidade tecnológica	13,7	28,8	21,9	31,3
Construção e reparação naval	0,0	0,0	0,2	0,4
Borracha e produtos plásticos	2,7	2,0	4,2	3,6
Produtos de petróleo refinado e outros combustíveis	3,1	19,6	4,4	11,5
Outros produtos minerais não-metálicos	3,8	2,9	3,6	3,3
Produtos metálicos	4,1	4,4	9,6	12,5
Indústria de baixa intensidade tecnológica	57,7	39,3	41,4	33,8
Produtos manufaturados não-especificados e bens reciclados	3,6	3,0	2,3	1,9
Madeira e seus produtos, papel e celulose	14,3	10,9	10,2	8,0
Alimentos, bebidas e tabaco	35,8	21,9	20,8	18,2
Têxteis, couro e calçados	4,1	3,6	8,1	5,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual

NOTAS: Elaboração do IPARDES, com base na classificação de intensidade tecnológica da OCDE.

Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Inclui apenas a indústria de transformação.

TABELA 2 - COMPOSIÇÃO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL⁽¹⁾, SEGUNDO NÍVEIS DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA, COM A EXCLUSÃO DO RAMO DE PRODUTOS DE PETRÓLEO REFINADO - PARANÁ E BRASIL - 1996/2007

NÍVEL DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA	PARANÁ		BRASIL	
	Part. 1996 (%)	Part. 2007 (%)	Part. 1996 (%)	Part. 2007 (%)
Indústria de alta intensidade tecnológica	7,7	7,1	9,3	8,0
Aeronáutica e aeroespacial	...	0,0	0,2	0,8
Farmacêutica	0,2	0,8	3,8	3,3
Material de escritório e informática	0,2	1,5	0,6	0,8
Equipamentos de rádio, TV e comunicação	6,3	3,7	3,7	2,1
Instrumentos médicos de ótica e precisão	1,1	1,1	0,9	1,0
Indústria de média-alta intensidade tecnológica	21,7	32,5	29,1	31,5
Máquinas e equipamentos elétricos	2,8	1,7	3,0	2,9
Veículos automotores, reboques e semirreboques	3,5	15,7	8,5	10,5
Produtos químicos, exclusive farmacêuticos	6,8	6,9	9,6	9,4
Equipamentos para ferrovia e material de transporte	0,2	0,1	0,5	1,2
Máquinas e equipamentos mecânicos	8,4	8,1	7,5	7,6
Indústria de média-baixa intensidade tecnológica	11,0	11,5	18,4	22,3
Construção e reparação naval	0,0	0,0	0,2	0,4
Borracha e produtos plásticos	2,8	2,5	4,4	4,0
Outros produtos minerais não-metálicos	3,9	3,5	3,7	3,7
Produtos metálicos	4,3	5,5	10,1	14,1
Indústria de baixa intensidade tecnológica	59,5	48,9	43,3	38,2
Produtos manufaturados não-especificados e bens reciclados	3,7	3,7	2,5	2,1
Madeira e seus produtos, papel e celulose	14,8	13,5	10,6	9,0
Alimentos, bebidas e tabaco	36,9	27,2	21,7	20,6
Têxteis, couro e calçados	4,2	4,4	8,5	6,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual

NOTAS: Elaboração do IPARDES, com base na classificação de intensidade tecnológica da OCDE.

Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Inclui apenas a indústria de transformação.

Diante desses números, conclui-se que a produção da indústria de transformação do Estado apresenta pequena desvantagem em termos de conteúdo tecnológico na comparação com a média nacional, cabendo ressaltar que o resultado referente ao conjunto das unidades da federação é fortemente influenciado por São Paulo, maior economia industrial da Nação. Ademais, deve-se considerar o significativo avanço qualitativo do Paraná no período recente, evidenciado principalmente pelo crescimento da participação relativa da categoria de média-alta intensidade tecnológica no VTI local e pela queda da importância do grupo que reúne as atividades menos sofisticadas.

Em 1996, a renda gerada pela indústria de média-alta intensidade tecnológica representava 21,7% do VTI estadual, percentual que subiu para 32,5% em 2007, como reflexo da notável expansão do segmento de veículos automotores. Em trajetória oposta, a participação das indústrias classificadas como de baixo grau tecnológico caiu mais de 10 pontos percentuais no período de 1996 a 2007, uma vez que o crescimento do ramo de alimentos, bebidas e tabaco foi inferior à evolução da média do Estado, influenciada pelas atividades mais avançadas. Deve-se destacar, entre os determinantes da retração da importância relativa da indústria de alimentos e tabaco, os moderados desempenhos do processamento de oleaginosas, refletindo o esgotamento da fronteira agrícola nas áreas meridionais do País e a consequente desconcentração regional da atividade de esmagamento de soja, e da manufatura do fumo, que tem como causa principal a interrupção das operações de um grande fabricante multinacional de cigarros no final da década de 1990.

Aliás, as decisões estratégicas tomadas por oligopólios transnacionais também interferiram na performance do ramo de equipamentos de rádio, televisão e comunicação, que integra o grupo de alta tecnologia. No período 1996-2007, a participação do referido segmento no VTI estadual passou de 6,3% para 3,7%, o que pode ser atribuído, em grande medida, às mudanças no portfólio de produtos de grandes empresas e à redistribuição da produção entre unidades fabris de um mesmo conglomerado econômico, localizadas em diversas regiões do País. Ainda na categoria de alta intensidade tecnológica, podem ser observadas alterações importantes nos pesos relativos das indústrias farmacêutica (de 0,2% em 1996 para 0,8% em 2007) e de informática (de 0,2% para 1,5%), sendo que, nesse último caso, o relevante crescimento deriva da operação do maior fabricante nacional de computadores pessoais no Paraná, mais especificamente na Cidade Industrial de Curitiba (CIC).

Passando à representatividade do Estado no VTI brasileiro de cada um dos grupos tecnológicos, constata-se crescimento em todas as categorias em avaliação, considerando dessa vez a atividade petroquímica. De 1996 a 2007, a participação paranaense no valor agregado da indústria nacional de alta intensidade tecnológica avançou 1,5 ponto percentual, superando, por exemplo, os acréscimos registrados por Santa Catarina e Rio Grande do Sul, estados cujos pesos relativos progrediram 0,7 e 0,3 ponto percentual, respectivamente (tabela 3).

TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL⁽¹⁾, SEGUNDO UNIDADES DA FEDERAÇÃO E NÍVEIS DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA - BRASIL - 1996/2007

GRUPO	PARTICIPAÇÃO (%)							
	Paraná		Santa Catarina		Rio Grande do Sul		São Paulo	
	1996	2007	1996	2007	1996	2007	1996	2007
Alta Intensidade Tecnológica	4,6	6,1	1,1	1,8	2,4	2,7	60,8	58,7
Média-Alta Intensidade Tecnológica	4,1	7,1	3,9	4,5	6,9	9,0	63,2	51,0
Média-Baixa Intensidade Tecnológica	3,4	7,0	3,1	3,1	5,0	4,5	46,2	37,4
Baixa Intensidade Tecnológica	7,5	8,8	6,5	7,8	9,9	9,6	43,0	36,9

GRUPO	PARTICIPAÇÃO (%)							
	Rio de Janeiro		Minas Gerais		Outros Estados		Brasil	
	1996	2007	1996	2007	1996	2007	1996	2007
Alta Intensidade Tecnológica	10,5	8,1	1,8	3,5	18,9	19,2	100,0	100,0
Média-Alta Intensidade Tecnológica	4,7	5,1	7,5	10,0	9,7	13,3	100,0	100,0
Média-Baixa Intensidade Tecnológica	9,8	13,3	13,2	13,6	19,3	21,2	100,0	100,0
Baixa Intensidade Tecnológica	6,9	4,1	7,9	8,5	18,1	24,2	100,0	100,0

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual

NOTA: Elaboração do IPARDES, com base na classificação de intensidade tecnológica da OCDE.

(1) Inclui apenas a indústria de transformação.

Já nas classificações de média-alta e média-baixa tecnologia, as participações do Paraná ascenderam 3,0 e 3,6 pontos percentuais, respectivamente, em virtude, sobretudo, do maior dinamismo dos ramos de veículos automotores e produtos de petróleo refinado em comparação à média nacional. Por fim, no estrato de baixa intensidade tecnológica, a importância relativa estadual subiu 1,3 ponto percentual (de 7,5% em 1996 para 8,8% em 2007), não obstante a diminuição da representatividade do segmento na estrutura da renda industrial paranaense, conforme mencionado anteriormente.

Isso posto, não há dúvida quanto ao bom desempenho do Estado nos últimos anos, conciliando, de um modo geral, a expansão de atividades industriais modernas com a manutenção da pujança de ramos manufatureiros tradicionais. Contudo, diante dos limites impostos às bases de crescimento das atividades tradicionais, em sua maioria intensivas na utilização de recursos naturais, são necessários esforços cada vez maiores para o desenvolvimento da produção com elevada aplicação tecnológica, consistindo em uma estratégia que, entre outras vantagens, assegurará o aumento da produtividade da indústria paranaense, estabelecendo, conseqüentemente, melhores condições para a elevação dos salários no setor (tabela 4). Em suma, a continuidade do dinamismo industrial do Paraná está condicionada à diversificação, com a incorporação e o fortalecimento de segmentos caracterizados pela alta adição de valor.

TABELA 4 - PRODUTIVIDADE E SALÁRIOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, SEGUNDO NÍVEIS DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA - PARANÁ - 2007

NÍVEL DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA	VALOR (R\$ correntes)	
	Produtividade ⁽¹⁾	Salários, Retiradas e Outras Remunerações ⁽²⁾
Alta Intensidade Tecnológica	133 141	1 784
Média-Alta Intensidade Tecnológica	114 299	2 084
Média-Baixa Intensidade Tecnológica ⁽³⁾	47 422	1 058
Baixa Intensidade Tecnológica	45 521	941

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual

NOTA: Elaboração do IPARDES, com base na classificação de intensidade tecnológica da OCDE.

(1) Razão entre o VTI e o pessoal ocupado.

(2) Média mensal por trabalhador.

(3) Não inclui o ramo de produtos de petróleo refinado.

AGRICULTURA

IAPAR desenvolve nova variedade de trigo

O Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), em parceria com a Fundação Meridional de Apoio à Pesquisa Agropecuária, desenvolveu uma nova variedade de trigo, batizada como IPR 144. Após 13 anos de desenvolvimento, obteve-se uma semente de alta produtividade (4 toneladas por hectare – 50% superior a uma variedade normal), com um ciclo de 113 dias (17 dias a menos que a convencional), e com moderada resistência às principais moléstias da cultura.

LAGINSKI, Flávio. Linhagem IPR 144. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 19 jul. 2009. p. 18.

AGROINDÚSTRIA

CAPAL incorpora cooperativa paulista

A Capal Cooperativa Agroindustrial, com sede em Arapoti, na região Centro-Oriental do Estado, incorporou a paulista Coreata (Cooperativa Regional Agropecuária Taquarituba). Com a operação, a Capal ganhará 130 novos associados, responsáveis pelo plantio de 15 mil hectares. A Capal planeja investimentos de R\$ 15 milhões na estrutura absorvida no sudoeste do estado de São Paulo. A cooperativa estima que seu faturamento em 2009 alcance R\$ 360 milhões. Para o próximo ano, projeta crescimento de R\$ 60 milhões.

CAPAL (PR) incorpora Coreata (SP). *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 jul. 2009. Caminhos do Campo, p. 2.

Integrada Cooperativa investe em suco de laranja

A Integrada Cooperativa Agroindustrial investirá R\$ 35 milhões na implantação de uma indústria de suco de laranja em Uraí, no Norte Pioneiro. Sua inauguração é prevista para 2012, com capacidade anual de produção de 12 mil toneladas de suco concentrado. Para tanto, a cooperativa conta com 900 hectares de pomares plantados. Até o fim do ano, planeja alcançar 1.600 hectares.

A Integrada obteve faturamento de R\$ 1,078 bilhão em 2008. Com sede em Londrina, conta com 52 unidades de recebimento em 42 municípios nas regiões Norte, Norte Pioneiro e Oeste Paranaense. Criada em 1995, a cooperativa conta com seis mil associados, que em 2008 entregaram 1,3 milhão de toneladas de grãos, volume 16% superior à safra anterior. O saldo de 2008 foi de R\$ 8,6 milhões, sendo metade destinada à melhoria e à ampliação da estrutura da cooperativa.

Os negócios da Integrada são diversificados. Em Assaí, no Norte Pioneiro, mantém uma indústria que produz mais de 5 mil toneladas de fio de algodão ao ano. Também naquela região, no município de Andirá, processa 180 mil toneladas de milho para a indústria alimentícia. Em Londrina, mantém uma fábrica com produção anual de 25 mil toneladas de ração para animais.

ROCHA, Guto. Mais uma no time do R\$ 1 bilhão. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 jul. 2009. Caminhos do Campo, p. 7.

* Elaborado com informações disponíveis entre 01/07/2009 a 31/08/2009.

** Economista, técnico da equipe permanente desta publicação.

*** Acadêmico de Ciências Econômicas, estagiário do IPARDES.

Cooperativa Cocari investirá R\$ 119 milhões

A Cocari Cooperativa Agropecuária e Industrial, sediada no município de Mandaguari, região Norte Central do Estado, investirá R\$ 119,3 milhões na ampliação da estruturas existentes e na construção de novos empreendimentos. Desse montante, R\$ 99,9 milhões serão financiados pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). A cooperativa, composta majoritariamente por pequenos produtores, conta com cerca de cinco mil associados.

APOIO às cooperativas. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 10 jul. 2009. p. 10.

Frangos Canção constrói nova fábrica

A Frangos Canção, de Maringá, investiu R\$ 8 milhões na construção de uma fábrica de subprodutos de aves. A unidade produz farinha a partir de penas e vísceras, direcionada ao mercado de fabricantes de ração. Em 2008, a companhia faturou R\$ 267 milhões. Nos primeiros seis meses de 2009, acumulou R\$ 172 milhões, sendo que a farinha para ração representou 4% desta receita. Entre 30% e 40% da produção de carne de aves da empresa é exportada para o Oriente Médio e Ásia.

KLINKE, Angela. Pena de trajetória premium. **Valor Econômico**, São Paulo, 20 jul. 2009. Empresas, p. B5.

COMÉRCIO

Wal-Mart investirá R\$ 50 milhões no Estado

A rede varejista norte-americana Wal-Mart anunciou a abertura de três novas lojas no Paraná. Na capital, a empresa investirá R\$ 3 milhões em estabelecimento que operará sob a bandeira Todo Dia, voltada às classes de renda C, D e E. As outras duas lojas da rede utilizarão a bandeira Maxxi Atacado e estarão localizadas em Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba, e em Foz do Iguaçu, Oeste do Estado. Nestas últimas, serão investidos R\$ 47 milhões.

PEREIRA, Anelize S. Wal-Mart investe R\$ 50 milhões em três novas lojas no Paraná. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 jul. 2009. Economia, p. 20.

COLETO, Leonardo. Wal-Mart anuncia três novas lojas no PR. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 8 jul. 2009. p. 9.

Muffato expande sua rede

Resultado de investimentos de R\$ 30 milhões, a rede varejista paranaense Muffato inaugura nova loja em Curitiba. A cadeia de lojas, originária de Cascavel (região Oeste do Paraná), está espalhada em 11 municípios paranaenses e no estado de São Paulo.

Prevê-se a inauguração de duas novas lojas, em Foz do Iguaçu (região Oeste) e Londrina (região Norte), ainda em 2009.

SCHIEFFER, Cinthia. Muffato inaugura loja conceitual. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 jul. 2009. Economia, p. 18.

MUFFATO inaugura nova loja em Curitiba. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 19 jul. 2009. p. 15.

INDÚSTRIA

Itambé ampliará capacidade de produção

A indústria de cimento Itambé planeja investir R\$ 400 milhões nos três próximos anos. Prevê-se a inauguração de um novo moinho para o terceiro trimestre de 2010, que ampliará em 50% a capacidade de produção da empresa. Posteriormente, planeja-se a implantação de um novo forno.

Localizada em Balsa Nova, Região Metropolitana de Curitiba, a fábrica deve produzir, em 2009, aproximadamente 1,3 milhão de toneladas de cimento – volume entre 3% e 4% superior ao do ano passado.

RIOS, Cristina. Construção reage e incentiva investimento. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 jul. 2009. Economia, p. 1.

ECONOMIA PARANAENSE – INDICADORES SELECIONADOS

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1980-2009

continua

ANO	ALGODÃO			ARROZ			BATATA-INGLESA		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	336 000	561 519	1 671	390 545	638 000	1 636	42 630	521 762	12 239
1981	305 790	581 000	1 900	275 000	493 632	1 793	39 146	459 357	11 734
1982	369 500	739 000	2 000	204 000	256 620	1 258	50 460	603 553	11 961
1983	440 000	695 608	1 581	216 400	368 313	1 702	45 004	422 870	9 396
1984	322 124	611 865	1 899	196 700	242 570	1 233	40 904	505 915	12 368
1985	540 000	1 035 661	1 918	200 000	296 000	1 480	38 992	497 522	12 760
1986	415 000	768 434	1 852	140 000	206 000	1 411	40 509	416 596	10 284
1987	386 000	711 880	1 844	202 923	342 844	1 690	50 155	662 129	13 202
1988	470 000	903 107	1 922	188 615	316 732	1 679	49 464	654 282	13 227
1989	415 091	805 277	1 940	163 633	295 698	1 807	39 622	502 158	12 673
1990	490 000	852 600	1 740	151 003	253 501	1 679	41 285	616 498	14 933
1991	618 000	1 024 111	1 657	121 297	163 056	1 909	41 650	653 824	15 698
1992	704 498	972 804	1 381	134 000	217 200	1 621	43 925	683 500	15 561
1993	345 000	448 081	1 299	127 500	232 500	1 824	40 800	624 872	15 315
1994	235 000	422 541	1 798	105 301	217 466	2 065	45 069	643 865	14 286
1995	282 760	529 977	1 874	108 600	225 000	2 072	43 038	620 300	14 413
1996	182 700	287 061	1 571	96 300	205 000	2 129	49 236	716 000	14 542
1997	59 874	110 000	1 837	85 487	176 057	2 059	45 399	665 840	14 666
1998	112 994	170 358	1 508	80 521	170 080	2 113	43 510	571 854	13 143
1999	48 161	109 144	2 266	81 894	186 880	2 282	41 931	615 832	14 687
2000	54 420	126 051	2 316	79 823	179 885	2 254	36 448	648 376	17 789
2001	71 264	174 854	2 454	78 568	186 678	2 376	32 661	594 124	18 191
2002	35 958	83 970	2 335	75 717	185 245	2 447	33 782	659 353	19 518
2003	30 066	71 744	2 386	71 543	193 493	2 705	30 527	609 007	19 950
2004	47 247	89 944	1 904	68 051	182 090	2 676	29 336	580 350	19 783
2005	57 080	78 748	1 380	59 607	137 050	2 299	27 513	529 977	19 263
2006	13 870	22 567	1 627	59 287	171 913	2 900	28 239	585 310	20 727
2007	12 253	25 902	2 114	54 197	174 254	3 215	27 338	600 666	21 972
2008	6 496	16 089	2 477	47 019	172 737	3 674	27 740	680 160	24 519
2009 ⁽¹⁾	3 421	7 953	2 331	44 261	169 585	3 831	26 304	568 228	21 602

ANO	CAFÉ			CANA-DE-AÇÚCAR			CEVADA		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	734 152	180 000	245	57 990	4 451 480	76 763	30 172	39 172	1 298
1981	700 000	498 000	711	69 120	4 888 038	70 712	34 775	35 392	1 017
1982	303 000	96 000	317	90 000	6 840 000	76 000	35 950	27 247	758
1983	440 000	354 000	805	110 930	9 664 965	87 127	21 442	18 915	882
1984	424 000	252 000	594	121 696	8 428 836	69 261	19 574	18 400	940
1985	424 000	318 000	750	140 878	10 425 000	74 000	36 297	65 512	1 722
1986	422 825	120 000	284	160 000	11 600 000	72 500	27 600	60 000	2 174
1987	430 000	510 000	1 186	160 420	11 911 431	74 252	40 670	92 000	2 262
1988	505 581	114 000	226	156 497	11 856 032	75 759	42 498	49 485	1 164
1989	493 324	267 039	541	153 539	11 401 852	74 260	40 402	102 351	2 532
1990	426 391	156 702	368	159 417	11 736 412	73 621	28 213	50 844	1 802
1991	383 355	201 922	527	172 296	12 500 000	72 550	22 974	31 052	1 352
1992	296 000	108 000	365	184 000	13 350 000	72 554	17 700	43 326	2 448
1993	230 000	100 000	435	196 000	14 000 000	71 429	23 946	48 860	2 040
1994	184 351	81 990	445	215 796	15 945 937	73 894	14 207	27 975	1 969
1995	13 750	7 350	535	255 000	18 870 000	74 000	20 235	30 800	1 515
1996	134 000	67 000	500	294 000	23 000 000	78 231	26 110	85 430	3 272
1997	127 895	109 630	858	306 000	24 500 000	80 065	36 971	106 030	2 868
1998	128 127	135 707	1 060	310 344	26 640 767	85 843	42 957	84 371	1 964
1999	136 642	141 813	1 038	338 939	27 016 957	79 710	31 864	78 722	2 471
2000	142 118	132 435	932	327 147	23 190 410	70 887	32 135	69 146	2 152
2001	63 304	28 299	447	337 574	27 156 281	80 445	40 456	76 209	1 884
2002	129 313	139 088	1 076	358 312	28 120 716	78 481	46 750	77 862	1 665
2003	126 349	117 274	928	375 698	32 721 425	87 095	53 479	184 786	3 455
2004	117 376	152 260	1 297	398 969	33 552 515	84 098	53 819	167 450	3 111
2005	106 303	86 417	813	397 825	28 011 069	70 411	54 712	127 661	2 333
2006	100 973	139 376	1 380	444 723	34 461 627	77 490	31 745	106 891	3 367
2007	97 623	103 698	1 062	554 855	46 539 991	83 878	46 679	134 414	2 880
2008	96 804	157 882	1 631	601 656	50 958 155	84 696	36 551	150 241	4 110
2009 ⁽¹⁾	85 572	88 201	1 031	628 779	55 110 108	85 575	44 077	160 108	3 632

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1980-2009

conclusão

ANO	FEIJÃO			MANDIOCA			MILHO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	815 088	462 250	567	44 640	887 810	19 888	2 156 508	5 466 967	2 535
1981	852 835	570 860	669	58 700	1 100 380	18 746	2 161 999	5 363 109	2 481
1982	879 990	666 800	758	62 500	1 218 750	19 500	2 276 700	5 430 000	2 385
1983	699 685	347 035	496	69 870	1 452 870	20 794	2 361 800	5 018 870	2 125
1984	741 001	479 108	647	73 688	1 446 258	19 627	2 447 000	5 400 000	2 207
1985	723 764	499 617	690	85 800	1 722 864	20 080	2 332 840	5 803 713	2 488
1986	627 604	215 701	344	85 800	1 700 000	19 814	2 300 000	4 300 000	1 870
1987	754 210	391 355	519	85 445	1 853 950	21 698	2 466 000	7 641 800	2 685
1988	741 920	457 692	617	85 242	1 855 328	21 765	2 269 862	5 558 805	2 449
1989	528 741	223 031	422	77 349	1 622 846	20 981	2 137 234	5 296 080	2 478
1990	550 591	279 028	507	101 854	2 184 599	21 448	2 079 784	5 160 823	2 481
1991	624 036	348 332	558	102 265	2 261 788	22 117	2 358 797	4 827 112	2 046
1992	595 894	461 162	774	100 000	2 100 000	21 000	2 610 000	7 370 000	2 824
1993	545 800	444 000	813	137 000	3 014 000	22 000	2 703 000	8 158 000	3 018
1994	589 479	526 209	893	157 625	3 419 935	21 700	2 512 859	8 162 472	3 248
1995	487 309	422 451	867	144 000	3 168 000	22 000	2 727 800	8 960 400	3 285
1996	596 125	490 854	823	115 232	2 500 000	21 695	2 463 000	7 911 000	3 212
1997	557 123	475 458	853	144 500	2 600 000	17 993	2 503 003	7 752 217	3 097
1998	564 537	494 556	876	149 934	3 241 800	21 622	2 229 524	7 935 376	3 559
1999	680 317	570 097	838	164 258	3 446 805	20 984	2 502 818	8 777 465	3 482
2000	541 082	500 948	926	182 850	3 779 827	20 672	2 233 858	7 367 262	3 298
2001	428 343	470 214	1 098	172 815	3 614 859	20 918	2 820 597	12 689 549	4 499
2002	526 457	629 059	1 195	142 892	3 463 968	24 242	2 461 816	9 857 504	4 004
2003	544 906	718 084	1 318	108 097	2 476 346	22 909	2 843 704	14 403 495	5 065
2004	503 585	664 333	1 319	150 217	2 956 771	19 683	2 464 652	10 953 869	4 444
2005	435 201	554 670	1 275	166 885	3 346 333	20 052	2 003 080	8 545 711	4 266
2006	589 741	819 094	1 389	169 705	3 789 166	22 328	2 507 903	11 697 442	4 664
2007	545 239	769 399	1 411	173 235	3 762 445	21 719	2 730 179	13 835 369	5 068
2008	508 273	776 971	1 529	149 350	3 449 726	23 098	2 969 632	15 414 362	5 191
2009 ⁽¹⁾	646 530	796 356	1 232	179 523	4 073 871	22 693	2 778 041	11 283 331	4 062

ANO	RAMI			SOJA			TRIGO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	6 780	17 000	2 507	2 410 000	5 400 000	2 241	1 440 000	1 350 000	937
1981	7 160	10 164	1 420	2 266 200	4 983 210	2 199	785 000	915 000	1 166
1982	5 818	9 477	1 629	2 100 000	4 200 000	2 000	1 175 000	1 025 000	872
1983	4 670	9 583	2 052	2 022 000	4 315 000	2 134	898 265	1 066 000	1 187
1984	4 495	9 625	2 141	2 177 900	4 121 000	1 892	829 211	1 113 009	1 342
1985	4 887	10 004	2 047	2 196 370	4 413 000	2 009	1 295 548	2 696 023	2 081
1986	5 530	7 000	1 266	1 745 000	2 600 000	1 490	1 947 000	2 950 000	1 115
1987	7 100	15 500	2 183	1 718 000	3 810 000	2 218	1 717 500	3 300 000	1 921
1988	8 162	19 060	2 335	2 123 379	4 771 264	2 247	1 773 797	3 250 000	1 832
1989	8 030	9 193	1 145	2 399 993	5 031 297	2 096	1 829 680	3 207 000	1 753
1990	7 139	10 183	1 426	2 267 638	4 649 752	2 050	1 197 149	1 394 052	1 164
1991	5 595	7 999	1 430	1 972 538	3 531 216	1 790	1 082 358	1 825 959	1 687
1992	5 300	6 500	1 226	1 794 000	3 417 000	1 905	1 220 000	1 600 000	1 311
1993	5 650	7 200	1 548	2 076 000	4 817 000	2 320	696 000	1 023 000	1 470
1994	3 482	3 992	1 146	2 154 077	5 332 893	2 476	599 070	1 012 439	1 690
1995	2 913	2 922	1 003	2 199 720	5 624 440	2 557	579 000	960 000	1 658
1996	2 550	4 970	1 940	2 392 000	6 448 800	2 696	1 024 480	1 977 030	1 930
1997	1 816	3 616	1 991	2 551 651	6 582 273	2 580	899 024	1 629 226	1 812
1998	818	1 615	1 974	2 858 697	7 313 460	2 558	893 302	1 509 420	1 690
1999	465	992	2 133	2 786 857	7 752 472	2 782	707 518	1 446 782	2 045
2000	465	1 006	2 163	2 859 362	7 199 810	2 518	437 761	599 355	1 369
2001	387	865	2 235	2 821 906	8 628 469	3 058	873 465	1 840 114	2 107
2002	470	1 357	2 887	3 316 379	9 565 905	2 884	1 035 501	1 557 547	1 504
2003	539	1 361	2 525	3 653 266	11 018 749	3 016	1 197 192	3 121 534	2 607
2004	539	1 197	2 221	4 007 099	10 221 323	2 551	1 358 592	3 051 213	2 246
2005	539	1 118	2 074	4 147 006	9 535 660	2 299	1 273 243	2 800 094	2 199
2006	447	1 221	2 732	3 948 520	9 466 405	2 397	762 339	1 204 747	1 580
2007	394	1 072	2 721	4 001 443	11 882 704	2 970	820 948	1 863 716	2 270
2008	447	1 023	2 289	3 967 764	11 764 466	2 965	1 153 251	3 216 590	2 789
2009 ⁽¹⁾	418	994	2 378	4 075 219	9 459 310	2 321	1 292 038	3 172 735	2 477

FONTES: SEAB/DERAL, IBGE

(1) Estimativa.

... Dados não disponíveis.

TABELA 2 - ABATES DE AVES, BOVINOS E SUÍNOS, NO PARANÁ - 1997-2009

PERÍODO	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t)			PERÍODO	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t)		
	Aves	Bovinos	Suínos		Aves	Bovinos	Suínos
1997	720 154	225 021	189 459	Março	195 757	20 218	34 780
1998	854 517	236 358	193 435	Abril	201 869	24 939	37 634
1999	957 237	198 873	229 466	Maio	202 366	26 619	38 286
2000	1 041 412	181 113	235 315	Junho	202 923	23 431	39 267
2001	1 121 828	197 985	263 451	Julho	227 475	18 142	40 843
2002	1 235 681	219 350	333 951	Agosto	204 680	19 574	37 427
2003	1 344 398	219 774	359 139	Setembro	214 748	23 352	38 650
2004	1 557 747	276 808	340 568	Outubro	226 221	27 203	40 560
2005	1 788 481	308 947	367 765	Novembro	210 898	22 824	36 199
2006	1 856 061	316 897	390 394	Dezembro	197 247	28 057	39 768
2007	2 057 318	295 010	437 152	2009 ⁽¹⁾	595 575	56 612	117 206
2008	2 480 908	279 609	454 340	Janeiro	197 668	21 742	39 155
Janeiro	209 736	23 875	36 983	Fevereiro	188 107	15 748	38 572
Fevereiro	186 985	21 375	33 944	Março	209 800	19 122	39 479

FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais

(1) Resultados preliminares.

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1980-2009

ANO	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS				OPERAÇÕES ESPECIAIS		TOTAL (US\$ mil FOB)
	US\$ mil FOB	Part. (%)	Semimanufaturados		Manufaturados		US\$ mil FOB	Part. (%)	
			US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)			
1980	1 525 496	76,47	204 013	10,23	235 955	11,83	29 385	1,47	1 994 849
1981	1 578 294	65,71	250 316	10,42	541 587	22,55	31 827	1,33	2 402 024
1982	1 140 108	68,07	106 669	6,37	409 124	24,43	19 022	1,14	1 674 923
1983	1 012 405	69,20	79 971	5,47	349 526	23,89	21 043	1,44	1 462 945
1984	966 205	52,45	177 247	9,62	671 435	36,45	27 086	1,47	1 841 973
1985	928 902	50,89	175 665	9,62	698 346	38,26	22 551	1,24	1 825 464
1986	688 996	56,59	43 324	3,56	472 821	38,84	12 339	1,01	1 217 480
1987	969 288	59,14	120 707	7,37	533 758	32,57	15 169	0,93	1 638 922
1988	1 167 554	58,21	149 328	7,45	678 177	33,81	10 573	0,53	2 005 632
1989	1 192 665	60,13	178 327	8,99	601 886	30,35	10 462	0,53	1 983 340
1990	1 035 355	55,42	203 537	10,90	618 389	33,10	10 887	0,58	1 868 168
1991	939 248	51,75	179 988	9,96	678 770	37,56	13 223	0,73	1 807 229
1992	1 067 932	50,61	206 642	9,79	822 506	38,98	12 959	0,61	2 110 039
1993	1 191 871	48,04	192 267	7,75	1 081 457	43,59	15 548	0,63	2 481 143
1994	1 459 424	41,62	487 597	13,90	1 538 079	43,86	21 649	0,62	3 506 749
1995	1 439 114	40,34	646 613	18,13	1 463 107	41,01	18 511	0,52	3 567 346
1996	2 081 290	49,02	576 682	13,58	1 562 959	36,81	24 974	0,59	4 245 905
1997	2 524 220	52,01	560 259	11,54	1 740 382	35,86	28 727	0,59	4 853 587
1998	1 918 814	45,38	665 062	15,73	1 614 175	38,18	29 944	0,71	4 227 995
1999	1 735 679	44,14	626 797	15,94	1 528 134	38,86	41 954	1,07	3 932 564
2000	1 661 224	37,82	498 625	11,35	2 156 708	49,10	75 534	1,72	4 392 091
2001	2 280 929	42,89	561 244	10,55	2 414 089	45,40	61 247	1,15	5 317 509
2002	2 383 978	41,82	668 790	11,73	2 574 063	45,16	73 368	1,29	5 700 199
2003	2 984 894	41,73	877 823	12,27	3 212 969	44,92	77 549	1,08	7 153 235
2004	3 908 802	41,60	969 038	10,31	4 428 832	47,13	89 862	0,96	9 396 534
2005	3 297 487	32,90	993 480	9,91	5 597 653	55,85	134 049	1,31	10 022 669
2006	2 930 533	29,30	1 146 908	11,47	5 742 323	57,41	182 177	1,82	10 001 941
2007	4 233 777	34,27	1 318 847	10,68	6 630 908	53,68	169 325	1,37	12 352 857
2008 ⁽¹⁾	5 787 485	37,96	1 611 541	10,57	7 540 591	49,46	307 620	2,02	15 247 237
2009 ⁽¹⁾	3 465 286	50,95	708 914	10,42	2 521 450	37,07	105 504	1,55	6 801 153
Janeiro	280 167	37,52	129 165	17,30	327 767	43,90	9 563	1,28	746 662
Fevereiro	235 141	39,42	36 849	6,18	313 397	52,53	11 161	1,87	596 549
Março	408 013	47,68	62 630	7,32	372 229	43,50	12 825	1,50	855 697
Abril	652 127	58,14	99 882	8,90	355 074	31,65	14 619	1,30	1 121 702
Maio	620 907	55,64	111 861	10,02	366 836	32,88	16 238	1,46	1 115 842
Junho	814 261	61,28	129 102	9,72	364 985	27,47	20 344	1,53	1 328 693
Julho	454 671	43,89	139 423	13,46	421 161	40,65	20 753	2,00	1 036 008

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 4 - BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1994-2009

ANO	PARANÁ (US\$ MIL FOB)			BRASIL (US\$ MIL FOB)		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1994	3 506 749	1 589 440	1 917 309	43 545 167	33 052 686	10 492 481
1995	3 567 346	2 390 291	1 177 055	46 506 281	49 971 895	-3 465 614
1996	4 245 905	2 434 373	1 811 172	47 746 726	53 345 767	-5 599 039
1997	4 853 587	3 306 968	1 547 276	52 990 115	59 747 227	-6 752 887
1998	4 227 995	4 057 589	170 406	51 139 862	57 763 476	-6 623 614
1999	3 932 564	3 699 957	232 607	48 011 444	49 294 639	-1 283 195
2000	4 392 091	4 685 381	-293 290	55 085 595	55 838 590	-752 994
2001	5 317 509	4 929 457	388 052	58 222 642	55 572 176	2 650 436
2002	5 700 199	3 333 814	2 366 386	60 361 786	47 236 752	13 125 034
2003	7 153 235	3 486 013	3 667 222	73 084 140	48 304 598	24 779 541
2004	9 396 534	4 026 197	5 370 337	96 475 244	62 813 151	33 662 093
2005	10 022 669	4 527 172	5 495 497	118 308 387	73 597 900	44 710 487
2006	10 001 941	5 977 953	4 023 988	137 469 700	91 383 878	46 085 822
2007	12 352 857	9 017 988	3 334 870	160 649 073	120 617 446	40 031 627
2008 ⁽¹⁾	15 247 237	14 570 362	676 874	197 942 443	173 196 634	24 745 809
Janeiro	1 022 941	803 112	219 829	13 276 884	12 334 133	942 751
Fevereiro	974 475	1 092 216	-117 741	12 799 920	11 919 588	880 331
Março	1 102 108	851 965	250 143	12 612 775	11 600 581	1 012 194
Abril	1 188 507	631 861	556 646	14 058 430	12 313 260	1 745 171
Maio	1 871 670	1 839 228	32 442	19 303 363	15 228 545	4 074 818
Junho	1 487 237	1 380 759	106 477	18 593 307	15 874 848	2 718 459
Julho	1 806 000	1 668 672	137 329	20 451 410	17 148 659	3 302 751
Agosto	1 373 400	1 365 898	7 502	19 746 867	17 472 187	2 274 680
Setembro	1 359 051	1 353 411	5 640	20 017 208	17 262 870	2 754 337
Outubro	1 215 134	1 577 236	-362 102	18 512 308	17 305 138	1 207 169
Novembro	868 686	970 847	-102 161	14 752 573	13 140 212	1 612 361
Dezembro	979 262	1 035 165	-55 903	13 817 398	11 516 629	2 300 769
2009 ⁽¹⁾	6 801 153	4 798 497	2 202 656	84 093 468	67 199 930	16 893 538
Janeiro	746 662	579 813	166 849	9 781 920	10 311 539	-529 619
Fevereiro	596 549	556 821	39 728	9 586 406	7 820 804	1 765 602
Março	855 697	670 848	184 849	11 809 225	10 043 205	1 766 020
Abril	1 121 702	602 926	518 775	12 321 617	8 612 966	3 708 651
Maio	1 115 842	678 360	437 482	11 984 585	9 334 005	2 650 581
Junho	1 328 693	750 690	578 003	14 467 785	9 843 440	4 624 345
Julho	1 036 008	958 881	77 127	14 141 930	11 215 161	2 926 769

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 5 - ÍNDICE DE VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA DO PARANÁ - 2000-2009

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2003 = 100)														
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Jan/08	Fev/08	Mar/08	Abr/08	Maio/08	
Combustíveis e lubrificantes	78,08	80,11	93,81	100,00	103,84	101,62	84,92	87,15	89,35	76,56	81,56	88,22	86,35	91,23	
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	112,36	109,77	103,46	100,00	111,47	103,67	109,97	117,21	121,61	118,39	112,34	131,79	119,37	116,07	
Hipermercados e supermercados	111,21	109,32	103,38	100,00	111,52	102,85	108,97	116,19	120,35	117,68	111,40	130,69	118,11	114,48	
Tecidos, vestuário e calçados	107,72	108,87	95,83	100,00	107,38	108,34	106,77	112,28	117,36	113,12	85,23	99,63	128,54	133,14	
Móveis e eletrodomésticos	99,69	95,18	93,66	100,00	129,42	146,38	159,09	178,86	196,48	202,10	157,89	181,37	175,80	208,00	
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	100,00	106,49	117,25	124,58	131,60	149,73	133,32	123,26	142,56	131,88	150,59	
Livros, jornais, revistas e papelaria	100,00	86,81	86,80	83,57	87,13	99,02	114,83	118,99	107,01	82,86	81,47	
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	100,00	97,82	173,86	263,35	338,15	630,14	425,62	324,40	358,38	407,68	397,94	
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	100,00	114,68	130,80	151,90	165,88	195,16	167,21	141,05	185,60	161,48	197,39	
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	100,72	99,82	99,14	100,00	111,28	110,20	113,42	121,49	129,84	123,75	112,01	129,92	123,82	129,10	

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2003 = 100)														
	Jun./08	Jul./08	Ago./08	Set./08	Out./08	Nov./08	Dez./08	2009	Jan./09	Fev./09	Mar./09	Abr./09	Maio/09	Jun./09	
Combustíveis e lubrificantes	97,78	94,77	101,59	101,01	88,57	81,49	83,10	89,36	85,46	82,77	96,66	85,48	96,45	86,23	
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	110,01	113,27	119,88	116,97	124,19	122,16	154,87	121,60	120,57	111,93	120,47	131,32	123,93	116,62	
Hipermercados e supermercados	108,78	111,90	118,53	115,45	122,77	120,83	153,54	120,32	119,31	110,69	119,20	130,10	122,51	115,30	
Tecidos, vestuário e calçados	114,23	111,10	112,42	113,61	103,49	100,90	192,86	106,77	109,25	80,52	93,23	113,39	137,51	116,71	
Móveis e eletrodomésticos	183,11	198,97	197,05	189,80	203,93	190,79	268,94	176,83	198,41	153,95	177,40	168,37	186,00	178,18	
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	143,68	157,74	152,41	152,40	154,45	158,46	196,02	166,02	156,00	150,76	170,11	168,36	184,48	181,38	
Livros, jornais, revistas e papelaria	91,84	97,00	107,56	101,66	70,84	68,23	145,89	120,73	142,86	116,74	129,48	102,67	111,89	95,64	
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	440,81	483,56	1034,15	1014,53	899,24	845,84	929,57	907,30	838,04	913,84	956,62	914,96	913,03	1118,56	
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	181,24	184,92	194,37	182,48	204,62	197,20	344,35	198,21	194,41	169,26	195,88	202,61	234,20	200,74	
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	121,10	125,41	132,34	129,42	131,80	128,03	171,38	128,88	129,67	115,74	128,31	133,14	137,52	128,20	

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

TABELA 6 - PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ, SEGUNDO SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS - 1991-2009

SEÇÃO/ATIVIDADE ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2002 = 100) ⁽²⁾																	
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Indústria de transformação	79,4	77,4	86,6	94,5	89,2	92,5	97,7	101,1	99,7	99,0	102,5	100,0	105,7	116,3	117,9	116,0	123,8	134,3
Alimentos	78,5	78,2	93,3	93,6	84,2	88,9	85,8	90,6	96,2	93,9	99,3	100,0	104,7	109,8	106,1	112,2	116,1	112,8
Bebidas	64,0	51,4	44,3	56,7	74,7	66,2	61,0	62,7	67,6	71,9	91,8	100,0	94,4	98,9	106,0	121,2	120,2	122,0
Madeira	60,2	62,0	64,9	62,8	62,0	67,1	65,2	82,7	83,0	85,0	91,0	100,0	113,1	132,0	115,9	101,2	95,7	94,1
Celulose, papel e produtos de papel	98,0	95,9	99,1	103,0	101,8	104,6	114,2	113,4	112,9	117,8	104,2	100,0	100,2	104,7	112,7	114,8	114,1	133,2
Edição, impressão e reprodução de gravações	100,0	133,5	186,5	190,7	211,0	181,2	239,7
Refino de petróleo e álcool	76,9	74,1	84,0	94,0	82,6	96,2	96,7	93,0	107,3	102,5	108,7	100,0	99,6	87,7	96,2	97,3	93,8	100,6
Outros produtos químicos	61,9	67,5	81,3	94,4	80,7	103,9	110,1	100,1	107,5	117,8	116,4	100,0	105,4	94,4	76,4	74,4	82,5	64,6
Borracha e plástico	88,1	82,9	90,5	72,1	70,6	100,7	113,5	111,2	100,0	90,3	90,5	100,0	95,0	99,8	96,1	108,8	111,4	123,9
Minerais não-metálicos	65,5	64,6	65,0	61,3	70,6	80,2	92,6	87,0	89,8	91,6	92,7	100,0	97,2	91,4	94,6	90,0	95,1	120,3
Produtos de metal - excl. máquinas e equip.	151,4	145,9	118,6	127,1	148,3	153,3	151,1	134,2	121,8	98,0	94,9	100,0	98,6	104,3	101,5	102,4	107,8	114,3
Máquinas e equipamentos	42,8	36,1	42,9	58,2	63,9	73,3	72,4	63,4	62,7	73,3	80,9	100,0	113,8	138,1	122,7	121,8	147,8	161,2
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	115,9	96,6	96,8	116,1	145,4	151,4	191,8	184,8	152,4	265,4	248,1	100,0	97,3	91,2	114,5	115,8	138,0	132,7
Veículos automotores	62,3	62,7	91,6	135,3	129,5	84,9	112,8	106,4	79,2	101,8	101,8	100,0	117,3	176,8	214,1	170,3	222,1	275,0
Mobiliário	59,9	44,4	53,5	58,1	68,7	91,9	87,8	93,4	98,7	106,2	99,0	100,0	90,7	92,9	88,2	89,9	101,6	93,3

SEÇÃO/ATIVIDADE ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2002 = 100) ⁽²⁾																		
	Jan./08	Fev./08	Mar./08	Abr./08	Mai/08	Jun./08	Jul./08	Ago./08	Set./08	Out./08	Nov./08	Dez./08							
Indústria de transformação	125,3	118,9	130,8	133,6	142,5	137,9	146,7	139,3	145,0	150,3	132,9	109,3	123,6	114,7	120,6	136,1	129,9	125,4	115,1
Alimentos	94,9	78,8	103,8	111,5	125,3	123,2	137,8	123,4	124,3	122,5	114,3	94,2	105,3	73,4	84,4	110,6	120,5	123,1	119,9
Bebidas	114,0	102,1	120,1	109,3	105,1	102,4	103,8	123,2	125,6	141,2	143,8	174,0	113,5	124,9	115,6	130,6	118,4	106,9	84,8
Madeira	103,3	101,7	104,8	92,6	92,2	90,6	97,5	94,3	90,5	96,6	80,4	84,7	73,9	68,9	68,1	84,3	70,6	80,4	70,9
Celulose, papel e produtos de papel	131,9	123,1	131,3	133,5	135,1	136,9	142,5	119,6	139,0	136,4	139,6	129,7	122,9	127,9	127,5	131,8	118,6	111,6	119,8
Edição, impressão e reprodução de gravações	229,5	210,7	203,9	227,2	351,7	204,0	211,5	214,9	287,3	235,9	223,1	276,1	419,8	517,7	599,4	521,8	442,9	320,0	117,0
Refino de petróleo e álcool	91,2	89,1	94,5	99,4	108,6	106,6	112,6	88,0	103,2	105,8	105,6	103,8	96,6	82,4	81,7	96,8	102,7	109,1	106,9
Outros produtos químicos	78,4	66,2	51,7	68,0	56,2	86,2	82,6	56,0	74,6	70,1	40,3	44,3	69,5	72,4	79,1	77,3	65,4	55,6	67,3
Borracha e plástico	117,4	110,6	119,2	124,0	129,5	122,6	133,8	134,5	136,7	137,4	122,0	99,6	114,7	120,1	108,4	117,3	113,1	109,4	119,8
Minerais não-metálicos	100,6	106,9	111,8	112,0	119,2	120,1	132,3	134,2	129,7	132,5	121,9	122,7	118,9	111,2	108,8	124,5	123,4	126,4	119,3
Produtos de metal - excl. máquinas e equip.	98,0	96,6	105,5	117,0	118,1	121,3	127,8	122,9	123,7	128,3	119,1	93,5	91,0	97,4	82,3	88,0	92,4	90,8	95,1
Máquinas e equipamentos	161,5	158,1	170,4	165,2	172,8	170,1	142,4	165,7	165,9	186,7	158,9	117,1	123,0	129,5	111,7	125,5	122,2	124,0	125,3
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	150,1	136,1	129,1	117,9	123,1	143,3	145,8	130,6	141,1	143,0	117,5	114,8	107,1	109,9	98,4	128,0	111,3	100,1	95,0
Veículos automotores	245,3	260,0	297,0	287,1	265,9	272,4	315,7	323,1	299,4	354,8	274,4	105,0	182,0	132,9	156,9	217,7	194,1	198,5	191,7
Mobiliário	90,6	81,7	81,4	81,7	90,7	91,6	101,2	105,9	100,9	103,7	96,9	93,0	69,9	63,2	62,0	69,5	72,1	75,6	77,1

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Somente as atividades que apresentaram produtos incluídos na amostra.

(2) Índice sem ajuste sazonal.

TABELA 7 - PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO NA INDÚSTRIA PARANAENSE, SEGUNDO SEÇÕES E DIVISÕES DA CNAE - 2001-2009

SEÇÃO/DIVISÃO	ÍNDICE (base: janeiro de 2001 = 100)														
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Jan/08	Fev/08	Mar/08	Abr/08	Mai/08	Jun/08	
Indústria geral	99,9	100,1	102,5	106,7	108,2	105,7	109,0	110,1	109,5	110,0	110,4	111,1	110,5	111,1	
Indústrias extrativas	99,0	95,3	91,0	83,1	74,6	75,1	76,6	75,7	73,0	75,4	75,7	75,6	75,9	75,4	
Indústria de transformação	99,9	100,2	102,7	107,0	108,7	106,1	109,4	110,6	110,0	110,4	110,9	111,5	110,9	111,5	
Alimentos e bebidas	103,9	112,9	124,0	130,2	145,7	148,6	156,6	161,1	161,4	160,2	160,9	161,6	160,5	160,5	
Fumo	160,7	151,6	139,3	171,8	176,0	172,7	203,6	146,7	129,1	160,9	229,3	230,5	220,0	166,4	
Têxtil	103,9	104,5	98,9	97,5	93,0	98,0	90,6	84,6	84,8	88,5	88,2	87,7	85,9	85,5	
Vestuário	99,1	109,7	119,8	137,4	143,1	130,7	127,1	114,2	116,5	119,3	117,9	120,2	117,2	116,6	
Calçados e couro	102,3	94,2	84,9	77,5	87,4	100,3	104,4	100,2	96,6	98,7	100,2	104,5	102,5	102,4	
Madeira	88,5	80,1	77,6	79,5	68,5	56,5	49,9	45,5	50,4	50,2	49,8	48,8	48,2	47,1	
Papel e gráfica	99,8	101,8	112,3	115,9	117,0	121,5	127,5	125,0	124,0	124,4	123,5	124,2	123,6	123,8	
Refino de petróleo e combustíveis	130,3	139,5	194,0	200,3	193,1	214,1	231,6	258,8	159,3	168,6	212,1	260,8	273,0	292,8	
Produtos químicos	97,9	94,7	85,4	84,5	82,9	92,2	107,9	104,6	110,9	111,7	111,9	112,0	113,1	112,1	
Borracha e plástico	99,1	102,9	92,1	90,5	92,8	91,2	94,7	92,2	88,0	89,6	90,1	89,9	90,9	94,7	
Minerais não-metálicos	104,0	115,4	112,6	116,0	119,9	113,9	129,7	134,7	133,5	132,0	134,2	134,0	137,4	140,0	
Metalurgia básica	109,3	91,8	83,4	79,7	81,4	72,5	68,0	72,2	72,0	70,1	71,2	70,7	71,3	72,1	
Produtos de metal ⁽¹⁾	101,0	95,4	97,4	96,9	99,4	101,1	96,0	103,7	101,2	100,1	98,6	99,8	98,6	102,8	
Máquinas e equipamentos ⁽²⁾	100,7	111,3	125,2	137,6	137,2	125,6	134,1	161,5	153,1	158,9	160,5	159,6	160,1	163,0	
Máquinas e aparelhos elétricos ⁽³⁾	104,8	106,9	96,7	90,5	96,2	94,7	95,0	105,1	96,6	98,1	99,7	101,8	103,9	105,6	
Fabricação de meios de transporte	97,0	88,2	93,5	101,7	112,5	112,2	142,1	150,6	147,4	147,9	150,3	149,1	151,1	151,9	
Fabricação de outros produtos	99,1	80,9	71,1	74,5	66,1	63,5	66,2	64,7	68,7	66,6	64,8	63,8	60,9	60,5	

SEÇÃO/DIVISÃO	ÍNDICE (base: janeiro de 2001 = 100)													
	Jul/08	Ago/08	Set/08	Out/08	Nov/08	Dez/08	2009	Jan/09	Fev/09	Mar/09	Abr/09	Mai/09	Jun/09	
Indústria geral	111,1	111,6	111,2	111,0	109,1	105,3	103,2	104,5	103,5	103,6	102,4	102,7	102,4	
Indústrias extrativas	74,7	74,8	76,5	76,8	77,6	76,8	74,6	76,3	70,9	70,2	78,9	78,2	72,9	
Indústria de transformação	111,6	112,1	111,6	111,5	109,5	105,7	103,6	104,9	103,9	104,1	102,7	103,1	102,8	
Alimentos e bebidas	161,4	161,0	163,1	163,9	162,3	156,4	156,0	156,4	155,4	155,5	154,4	155,9	158,1	
Fumo	106,5	102,8	103,7	101,2	102,0	108,3	228,3	170,8	277,9	289,5	276,2	180,7	174,5	
Têxtil	85,1	86,0	85,5	81,4	79,3	77,1	77,3	77,3	76,8	76,4	76,4	78,1	78,5	
Vestuário	114,4	116,3	116,6	114,6	103,4	97,1	96,8	96,6	97,8	101,9	94,5	94,9	95,2	
Calçados e couro	106,9	111,8	107,3	98,9	88,2	84,9	86,8	83,7	84,0	87,5	87,2	87,6	90,7	
Madeira	44,2	43,4	42,6	41,7	41,1	38,7	37,3	38,3	37,4	37,7	37,0	36,9	36,4	
Papel e gráfica	123,9	127,4	126,5	127,9	126,8	124,1	121,5	124,2	120,6	119,7	120,4	120,6	123,2	
Refino de petróleo e combustíveis	295,4	293,0	292,4	293,3	290,4	273,9	257,5	235,9	226,8	239,6	265,6	285,1	292,1	
Produtos químicos	114,8	115,1	89,1	87,2	89,5	88,5	88,8	87,9	87,7	88,1	89,0	89,5	90,6	
Borracha e plástico	93,9	94,4	94,1	95,3	93,9	91,6	86,6	90,5	88,4	87,5	86,7	85,6	80,7	
Minerais não-metálicos	135,7	134,3	132,6	134,1	134,6	133,7	132,2	134,0	130,2	132,5	132,1	130,5	133,6	
Metalurgia básica	71,1	72,8	73,4	73,7	74,1	73,4	71,4	72,1	73,4	72,0	70,6	70,3	69,8	
Produtos de metal ⁽¹⁾	106,6	108,6	108,2	107,9	107,1	104,8	105,2	107,3	108,3	105,6	103,8	103,7	102,4	
Máquinas e equipamentos ⁽²⁾	165,6	166,0	165,8	166,4	163,5	155,3	149,0	152,8	151,2	150,6	146,2	146,7	146,3	
Máquinas e aparelhos elétricos ⁽³⁾	107,4	107,6	110,9	110,5	109,9	108,6	103,6	108,6	106,8	102,3	101,5	102,1	100,1	
Fabricação de meios de transporte	152,0	150,0	155,0	155,7	150,7	145,8	142,0	143,9	143,2	141,3	142,0	142,2	139,6	
Fabricação de outros produtos	62,2	63,7	65,2	66,6	67,8	65,5	61,5	64,5	63,1	62,2	61,4	60,5	57,0	

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário

NOTA: Índice sem ajuste sazonal.

(1) Não inclui máquinas e equipamentos.

(2) Não inclui máquinas e equipamentos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações.

(3) Inclui também máquinas e aparelhos eletrônicos, de precisão e de comunicações.

TABELA 8 - SALDO DO EMPREGO FORMAL NO PARANÁ⁽¹⁾ - 1995-2009

ANO	SETORES (número de vagas)						TOTAL
	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Outros/Ignorado	
1995	-15 192	-2 923	-6 410	602	-1 448	44	-25 327
1996	-7 081	-2 096	-6 691	-16 109	-793	-35	-32 805
1997	4 464	278	6 529	-2 100	-1 000	-708	7 463
1998	-16 127	-3 658	-7 332	-4 695	-3 634	-211	-35 657
1999	3 137	-10 241	582	-1 295	-8 646	-186	-16 649
2000	8 475	-18	7 548	13 733	-1 866	271	28 143
2001	22 087	-6 701	14 536	22 888	1 026	21	53 857
2002	24 035	-1 376	21 872	14 299	-241	-	58 589
2003	18 066	-3 903	24 774	17 345	6 075	13	62 370
2004	49 092	1 417	35 049	30 151	6 938	1	122 648
2005	14 385	2 091	25 183	31 223	962	4	72 374
2006	23 697	5 955	21 205	34 294	1 245	-	86 396
2007	46 524	8 011	30 502	31 571	5 753	-	122 361
2008	22 765	13 713	33 067	35 278	6 080	-	110 903
Janeiro	6 271	2 521	928	2 973	-376	-	12 317
Fevereiro	4 606	1 658	2 389	5 895	182	-	14 730
Março	9 166	809	3 402	6 973	4 735	-	25 085
Abril	9 961	1 647	4 015	5 645	5 079	-	26 347
Mai	5 167	3 095	3 015	4 541	921	-	16 739
Junho	4 141	1 784	3 386	3 225	1 408	-	13 944
Julho	3 700	2 722	2 298	4 546	369	-	13 635
Agosto	3 474	1 831	3 998	5 264	128	-	14 695
Setembro	6 264	1 623	4 454	4 594	469	-	17 404
Outubro	387	380	3 276	1 603	355	-	6 001
Novembro	-4 974	-747	4 690	1 236	-377	-	-172
Dezembro	-25 398	-3 610	-2 784	-11 217	-6 813	-	-49 822
2009	7 942	6 225	6 289	23 043	3 574	-	47 433
Janeiro	-638	1 631	-912	2 456	-945	-	1 592
Fevereiro	-1 883	55	-109	5 994	-1 563	-	2 494
Março	2 958	428	1 191	3 261	3 004	-	10 842
Abril	2 504	-104	333	4 848	356	-	7 937
Mai	2 255	2 978	1 651	3 135	1 663	-	11 682
Junho	-109	31	2 179	2 661	1 202	-	5 964
Julho	2 855	1 206	1 956	1 048	-143	-	6 922

FONTE: CAGED – MTE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

- Dado inexistente.

(1) Levantamento financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

TABELA 9 - PRODUTO INTERNO BRUTO DO PARANÁ E DO BRASIL - 2002-2008

ANO	PARANÁ ⁽¹⁾		BRASIL ⁽¹⁾	
	Valor (R\$ milhão) ⁽²⁾	Varição Real (%)	Valor (R\$ milhão) ⁽²⁾	Varição Real (%)
2002	88 407	...	1 477 822	...
2003	109 459	4,48	1 699 948	1,1
2004	122 434	4,94	1 941 498	5,7
2005	126 677	-0,10	2 147 239	3,2
2006	136 681	1,40	2 369 797	3,8
2007 ⁽³⁾	150 712	6,0	2 597 611	5,7
2008 ⁽³⁾	167 777	5,8	2 889 719	5,1

FONTES: IPARDES, IBGE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Nova série das Contas Regionais (referência 2002) e das Contas Nacionais (referência 2000).

(2) Preços correntes.

(3) Estimativas do IparDES para o Paraná.